

CONHECI William Benton em 1942, quando ele foi jantar em nossa casa, no Connecticut. Deve ter sido o próprio Benton quem se convidou, porque meu marido Harry não parecia muito satisfeito ao me anunciar sua visita. «Quem é esse Bill Benton?», perguntei. Harry disse que o havia conhecido ligeiramente na universidade, e que ele, ultimamente, estava ganhando muito dinheiro em publicidade. «Foi Benton quem inventou esses malditos *comerciais cantados*», acrescentou.

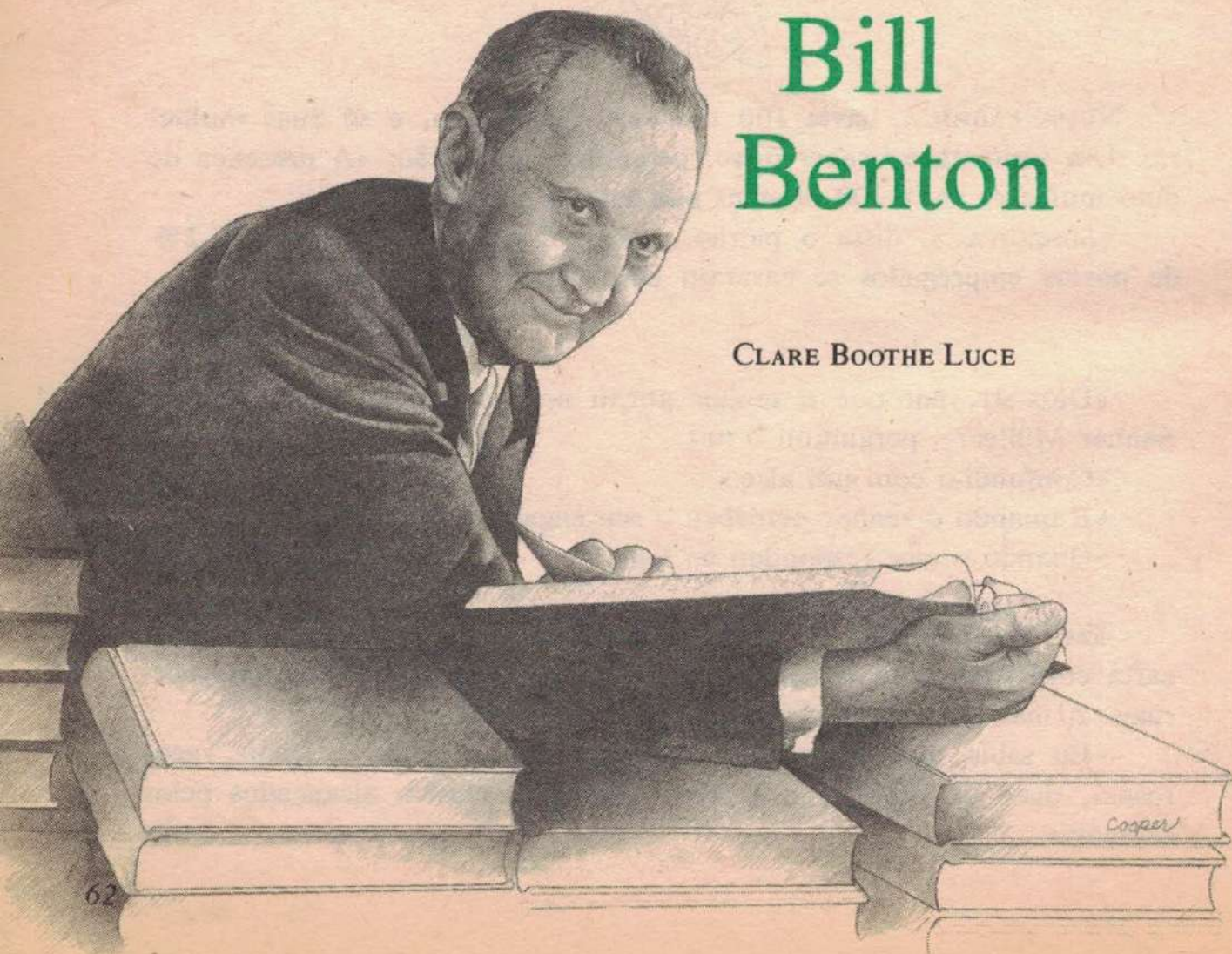
(Era compreensível que meu marido, na qualidade de proprietário da revista *Time*, não visse com bons olhos todo o sucesso que essa espécie de publicidade radiofônica vinha alcançando. Naquele tempo, os comerciais cantados ainda não se chamavam *jingles*.) «Sou capaz de jurar que Benton vem aqui para tentar me vender alguma coisa», arriscou Harry.

Não fiquei absolutamente entusiasmada com Bill naquela noite. Anos mais tarde, ele se descreveria como «um sujeito sem tato e não muito sim-

Ele conseguia vender *qualquer* coisa, inclusive cultura

Inesquecível Bill Benton

CLARE BOOTHE LUCE



pático — um homem acanhado que escondia sua timidez exibindo uma imagem de segurança e determinação». Minha primeira impressão fora exatamente essa.

Tinha olhos castanhos e brilhantes, testa alta e voz muito aguda. Ainda posso vê-lo, sentado em nossa biblioteca, equilibrando-se magicamente na ponta da cadeira e brincando com a gravata, enquanto falava depressa, como um político às vésperas de eleições. O que Bill Benton queria vender a Harry Luce eram dois terços das ações da *Encyclopaedia Britannica*... por apenas 100 mil dólares.

A *Britannica*, a mais antiga e conceituada obra de referência em inglês, nunca ficara fora do prelo desde sua primeira edição de 1768, em Edimburgh. Bill havia persuadido seus proprietários, Sears & Roebuck, a doar a *Britannica* à Universidade de Chicago, prevendo as futuras deduções de impostos que dali adviriam. No entanto, a universidade hesitou em aceitar a doação, temendo não encontrar capitais que a tornassem uma publicação viável — e ali estava Bill, tentando convencer Harry de que aquilo seria não só um investimento dos mais dignos, mas também dos mais lucrativos.

Meu marido limitava-se a escutar. O fervor da argumentação de Bill deve tê-lo convencido interiormente, como

CLARE BOOTHE LUCE foi correspondente de guerra, editora, deputada (pelo Connecticut, em 1943-47), embaixatriz dos Estados Unidos na Itália (1953-57) e autora de livros, peças de teatro e artigos esparsos em diversas revistas

aconteceu comigo. Quando Harry disse alguma coisa, foi só para perguntar a Bill por que não punha ele *seu* próprio dinheiro no negócio, já que era tão bom.

Bill finalmente investiu seu capital, e o fato é que, até o ano passado, a *Britannica* havia rendido perto de 48 milhões de dólares para a Universidade de Chicago — e uma verdadeira fortuna para Bill. Nos longos anos de amizade que se seguiram entre ele e nós, Bill nunca perdia oportunidades para lembrar a Harry o quanto havia tentado vender-lhe a *Britannica*; e Harry nunca deixava de recordar a Bill o seu conselho.

Sempre subindo. Bill nascera em Minneapolis, a 1.º de abril de 1900. Tinha 13 anos quando perdeu o pai, antigo ministro protestante que se tornara professor de línguas, com baixo salário, na Universidade de Minnesota. Bill ajudou sua mãe numa luta inglória pela propriedade em que viviam. Quando fez 18 anos, saiu de casa, com uma bolsa-de-estudos de 250 dólares, e pagou o resto de seu curso até a universidade jogando bridge profissionalmente com seus colegas milionários.

Um ano depois de se formar, arranhou um emprego de 25 dólares por semana como assistente de um gerente de publicidade. Por volta de 1929, já havia se casado, economizado seis mil dólares e convencido Chester Bowles, seu antigo colega, a se juntar a ele numa firma de publicidade. Assim, às vésperas da Grande Depressão, os dois jovens fundaram em Nova York a Benton & Bowles, empresa especia-

lizada em comerciais radiofônicos. Sete anos depois, dizendo que preferia fazer alguma coisa mais útil do que vender sabão ou café, Bill cedeu sua parte por um milhão de dólares.

Em 1937, a convite de Robert Maynard Hutchins, presidente da Universidade de Chicago e também seu antigo colega em Yale, Bill tornou-se vice-presidente da universidade. Quando esta adquiriu a *Encyclopaedia Britannica*, em 1943, ele passou a ser seu editor. Em 1945, tirou licença de dois anos para servir como assistente de Secretário de Estado, na administração do Presidente Truman, quando conseguiu interessar o Departamento de Estado e o Senador William Fulbright num plano para conceder bolsas-de-estudos a jovens norte-americanos, a fim de fazerem cursos no estrangeiro. Também ajudou a organizar a Voz da América e a UNESCO, especializada em educação em escala mundial.

O poder das mulheres. A vida de Bill Benton foi influenciada enormemente por duas mulheres. Uma delas foi sua dominadora mãe, Elma Benton, que fez tudo para que ele, ao contrário de seu pai, vencesse na vida — e, para conseguir isso, nunca lhe fez um elogio, embora ele fosse excelente estudante. Bill deve ter sentido muitas vezes a necessidade desses elogios, e talvez por isso tivesse criado o hábito de fazê-los a si próprio. Sua vontade de agradar era tão intensa que criava ao seu redor uma espécie de campo magnético, fazendo com que muitas pessoas que não gostaram dele a princípio acabassem por adorá-lo mesmo.

A outra mulher na vida de Bill foi a sua bela esposa, Helen. Certa vez, num banquete, Bill declarou: «Só consigo reunir todos os associados desta firma porque Helen sai atrás deles, pensando-lhes as feridas.» De fato, Helen Benton foi a única mulher que conheci que nunca mostrava qualquer embaraço quando seu marido falava de mais. Ela parecia entender que a tagarelice de Bill era apenas uma reação subconsciente ao tempo em que sua mãe falava e ele ouvia.

Um perfil de coragem. A loquacidade de Bill seria talvez o ponto pelo qual ele era mais censurado. Tanto seus críticos como seus amigos achavam que foi por falar de mais que Bill saiu do Senado. Seu antigo sócio em publicidade, Chester Bowles, que seguiu o exemplo de Bill e deixou o ramo, tornara-se Governador do Connecticut, onde viviam Bill, Helen e seus filhos. Em 1949, Bowles indicou Bill para preencher até o fim do mandato uma vaga no Senado, para a qual não havia suplente.

Conhecendo as maneiras de Bill, seus amigos o advertiram de que o Senado é uma espécie de clube, no qual os membros mais antigos esperam respeito e consideração por parte dos mais novos. No entanto, em 1951, Bill resolveu denunciar um antigo senador como mentiroso e apresentar uma moção para expulsá-lo do Senado. A maioria dos colegas de Bill ficou apavorada não só porque ele estava quebrando uma das regras tácitas do Senado, mas também porque o senador que denunciava (Joe Mac Carthy) era o ídolo de milhões de eleitores.

Bill sabia que os maccarthistas eram muito fortes. «Posso até perder», me escreveu ele durante as eleições, «mas tenho que enfrentar esta parada.» Evidentemente que perdeu, mas Mac Carthy também não ganhou, pois foi impugnado pelo Senado em 1954 e lançado ao ridículo. (John F. Kennedy, que nomeou Benton como seu embaixador junto à UNESCO em 1963, afirmou que, se tivesse que revisar *Perfis de Coragem*, o retrato que Benton traçou de Mac Carthy, antes que qualquer outro de seus colegas ou sasse fazê-lo, constituiria um dos melhores capítulos do livro.)

Noblesse oblige. Vendedor, político, industrial, estadista, educador, filantropo – Benton dedicou-se entusiasticamente a todas estas atividades. Não se sabe como, também continuou a alargar seu círculo de amizades. Quando todas as peças do quebra-cabeças foram montadas, o que surgiu foi a figura de um homem absolutamente altruísta e devotado à descoberta de novos meios para educar o povo norte-americano. O exemplo que coroa esta devoção é a fascinante coleção da *Britannica 3*, que não existiria se não houvesse um Bill Benton.

Em 1966, a velha *Britannica* era a mais famosa enciclopédia no mercado. Sua 14.^a edição, então à venda, ia muito bem, e várias pesquisas provaram que o melhor ainda estava para vir. No entanto, dois dos mais íntimos associados de Bill na *Britannica*, Robert Hutchins e o filósofo Mortimer J. Adler, a quem ele dispensava uma autêntica veneração («Eu não sou um intelectual», confessou Bill, «apenas

me especializei em alimentar intelectuais»), insistiam que havia muita coisa desatualizada na enciclopédia.

Os outros membros da diretoria, com uma mentalidade mais comercial, diziam que na enciclopédia já havia tudo que a maioria das pessoas precisava saber, mas Benton sentia obrigação moral de aperfeiçoar ainda mais o seu produto. As pessoas teriam que comprar a enciclopédia de que realmente *precisavam*, soubessem ou não disso. Foi uma decisão extremamente corajosa, exigindo dele um investimento de 32 milhões de dólares – o maior investimento isolado na história das publicações.

A *Britannica 3* foi a primeira tentativa neste século de reorganizar em alta escala o conhecimento que o homem tem de si mesmo e de seu universo. Ela requereu não apenas os vastos recursos de Benton, mas um gigantesco trabalho de publicação. Presididos pelo gênio de Adler, milhares de estudiosos, pesquisadores, escritores, editores, ilustradores, impressores e técnicos em computador trabalharam cerca de 2.500.000 horas/homem para completar a coleção de 30 volumes.

Pão sobre as águas. Infelizmente, Bill não viveu para ver se seu esforço valera a pena. Foi atacado de pneumonia no começo de 1973. A 17 de março, telefonei-lhe para dizer que iria a Nova York e que esperava vê-lo. «Que ótimo, que ótimo!», respondeu. Sua voz parecia mais fraca, mas nada podia diminuir seu entusiasmo. «Daremos uma festa», declarou ele, parecendo interessado pela minha visita.

«Mas, Bill», argumentei, «você acaba de sair do hospital. Tem certeza de que agüentará uma festa?»

«Estou em grande forma», insistiu. «Este vai ser um grande ano para mim e para a *Britannica*. Preciso celebrar.»

Na manhã seguinte, Helen Benton telefonou. Sua voz estava embargada pelas lágrimas. «Bill faleceu esta noite, enquanto dormia – mas eu queria que você soubesse que ele morreu feliz. Disse não ter dúvida de que este seria o seu melhor aniversário...»

Como todos nós, seus amigos, gostaríamos que ele tivesse vivido para ver a *Britannica* 3! A fé de Bill nesta colossal empreitada foi totalmente justificada – e ninguém tinha mais certeza do que ele de que seus 32 milhões de dólares investidos seriam como pão atirado às águas e que delas sairia profundamente enriquecido. «Através da *Britannica* 3», escreveu recentemente um redator do *Time*, comentando sua obra, «William Benton criou um trabalho tão impressionante que qualquer homem o invejaria.»



COMO RESULTADO da impulsiva observação de André Gide de que «os sentimentos nobres fazem má literatura», muitos escritores chegaram à conclusão de que os sentimentos maus fazem obrigatoriamente boa literatura.

– Gilbert Cesbron, em *Un Miroir en Miettes*

MAO TSÉ-TUNG disse a Georges Pompidou: «De Gaulle pensava que a China é orgulhosa, mas isso não é verdade. Não somos orgulhosos; não desejamos impor nossas idéias a ninguém; não estamos tentando exportar nossa revolução. Somos muito modestos.»

Contando isto numa reunião ministerial, Pompidou comentou: «Pode ser verdade, mas acho que 800 milhões de pessoas modestas é gente de mais.»

– *Le Point*, França

A REDE ferroviária da Nigéria corre o risco de ficar paralisada por falta de comunicações. Desde há algum tempo, os funcionários notaram que os fios telegráficos paralelos aos trilhos dos trens vêm desaparecendo. Isto muitas vezes obriga os trens a se deslocarem sem que os postos telegráficos das estações comuniquem entre si.

A explicação é a seguinte: os fios são utilizados pelos habitantes para fazer brincos, balangandãs e pulseiras.

– *France-Soir*, Paris

OS JOVENS sabem o que querem. Pretendem sair da infância, e os problemas começam quando o conseguem, pois eles sabem o que não desejam antes de saberem aquilo que realmente querem – e o que não desejam é aquilo que nós queremos. Eles juntam-se a nós para gozarem o contraste.

– *Elle*, França